



A NECESSIDADE DE ASSESSORAMENTO PSICOPEDAGÓGICO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO EM PERÍODO REMOTO

Mariana de Araújo Cabral ¹
Jessiane Dayane Soares da Silva ²
Sandra Cristina Moraes de Souza ³

RESUMO

O presente artigo se fez mediante uma pesquisa sobre a transição do ensino presencial ao ensino remoto com 191 estudantes de vários Estados do Brasil, por meio de questionário *online*, com a metodologia direta extensiva. A abordagem aponta a possibilidade de atuação psicopedagógica nesse contexto, visando a potencialização do ensino-aprendizagem por meio do assessoramento psicopedagógico ao professor. A pesquisa observou o nível de satisfação dos discentes antes e depois da transição para o ensino remoto mediante pandemia global do COVID-19. Os apontamentos foram em relação à organização de atividades curriculares e ao auxílio pedagógico ofertado a eles, evidenciando uma diferenciação entre estudantes de instituições públicas em detrimento dos de instituições particulares.

Palavras-chave: Psicopedagogia institucional, Ensino presencial, Ensino remoto, Assessoramento psicopedagógico.

INTRODUÇÃO

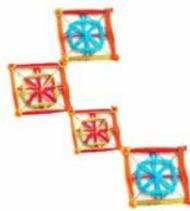
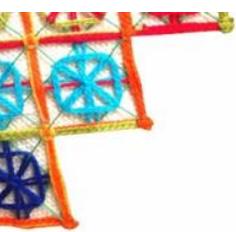
Em plena pandemia mundial nos deparamos com uma nova formatação educacional, com uma transição brusca para todos aqueles que fazem parte de instituições de ensino. Nesse momento de apreensão diante da adaptação da comunidade educacional, buscou-se entender a importância do assessoramento psicopedagógico aos professores diante da situação atual.

A apreensão e a incerteza tão presentes na atualidade, nos motiva a pensar sobre o papel da psicopedagogia no assessoramento às instituições educacionais. Entendemos a necessidade do trabalho psicopedagógico nesse momento crucial, acreditamos que temos muito a contribuir no contexto escolar, o que irá possibilitar uma vivência única para todos que estão ativos nesse período. Tendo em vista, que há pouca ou nenhuma abordagem sobre a atuação psicopedagógica em espaços de ensino à distância ou diante de aulas virtuais, como no ensino remoto. Esse contexto se apresenta como uma grande fonte para estudos nessa área, ao

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicomarianacabral@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jessianedayanev@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Educação, Universidade Federal Fluminense - UFF, profsandrapsico@gmail.com.



analisarmos o mundo de possibilidades, já que o Curso de Graduação em Psicopedagogia tem como foco principal a aprendizagem do indivíduo, suas dificuldades e potencialidades.

A pesquisa se deu pelo fato de haver a necessidade de entender como a transição do modo presencial para o remoto afetou os estudantes do ensino médio, cursinho pré-ENEM e ensino superior, por meio da perspectiva desses discentes. O foco nesse estudo está em dois fatores, sendo eles: nível de satisfação com a organização de atividades curriculares no ensino presencial e no ensino remoto; nível de auxílio pedagógico recebido em aulas presenciais e em aulas remotas.

A psicopedagogia institucional, possui um olhar preventivo, com essa visão, vemos a importância dos psicopedagogos junto às escolas nessa pandemia global, na qual o Ministério da Educação (MEC), por meio da portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, autoriza as instituições de ensino substituírem suas aulas presenciais por aulas virtuais até 31 de dezembro de 2020.

O objetivo geral deste estudo é discernir acerca do assessoramento psicopedagógico e sua colaboração nos diferentes processos de inovação educacional, mostrando assim, como a psicopedagogia pode se apresentar como aliada na busca de uma educação de qualidade em nosso país. Tendo como específicos, compreender a percepção dos estudantes em relação à modalidade de aulas remotas em detrimento do ensino presencial; apontar o papel do psicopedagogo institucional em sua atuação diante das aulas virtuais; além de evidenciar diferenciação entre as respostas de instituições públicas e privadas.

Utilizou-se um questionário online, com vinte e nove questões, sendo vinte e seis perguntas de múltipla escolha e três abertas, formulado por meio de hipóteses das autoras acerca do contexto atual, e base teórica psicopedagógica. Houve análise comparativa dos dados com auxílio de um *software* estatístico, o PSPP.

As respostas apontam uma diferenciação em relação ao ensino presencial e o ensino remoto, referente a dois questionamentos centrais: a satisfação diante das organizações de atividades curriculares e o contentamento mediante o auxílio pedagógico recebido. Pode-se notar uma diferença ainda, acerca do ensino privado e público, no qual, antes mesmo da pandemia, já demonstrava insatisfações maiores que o particular. Foi possível notar que a transição ofereceu um aumento das respostas negativas por ambas instituições, notando assim, uma falta de preparo para o ensino com auxílio de meios digitais.

Concluimos então, que desde antes da pandemia a presença dos psicopedagogos nas instituições de ensino já se faziam necessárias, havendo assim a necessidade de uma maior



propagação de sua atuação e como podemos contribuir na atuação escolar, em parceria com os professores, gestores, alunos e pais. Deixamos ainda a necessidade de uma maior pesquisa nessa área, para discernir exemplos que demonstrem como podemos fazer a diferença na educação de nossos alunos, seja nas escolas ou universidades, não resumindo assim nossa atuação apenas ao atendimento clínico, tendo uma ação preventiva nas instituições de ensino do nosso país com profissionais capacitados na aprendizagem humana.

METODOLOGIA

A metodologia de abordagem do presente artigo, segundo (LAKATOS, 2018), se deu por meio de método indutivo, a partir da realidade vivenciada em plena pandemia global do COVID-19, nos levando a aprofundar nesse contexto com base em teorias da psicopedagogia, principalmente institucional. Na metodologia de procedimento, ainda segundo (LAKATOS, 2018), fomos pelo caminho comparativo e estatístico, ao analisarmos resultados de instituições particulares e públicas, e ao trabalhar com análises dos dados apurados.

Nossa técnica de pesquisa, conforme (LAKATOS, 2018), foi de observação direta extensiva com técnica de questionário, sendo enviado para amigos, conhecidos e amigos de amigos espalhados pelo Brasil, por meio do *google forms*, de forma online, dos dias 09 de abril de 2020 à 16 de abril de 2020. Obteve-se dados de medidas de opinião por meio de tabulação entre opiniões acerca das perguntas com a régua: ruim, regular, bom, ótimo e excelente; buscando respostas por meio da história de vida dos participantes a partir da experiência dos próprios, sendo utilizados para comparação dados de sociometria, os dividindo principalmente para discussão dos dados obtidos, entre estudantes de particular e pública.

A delimitação do nosso universo foi feita com base no alcance de nosso questionário, as pessoas que estivessem entre o ensino médio, passando pelo cursinho e pela primeira fase do ensino superior (graduação e tecnólogo). O tipo de amostragem foi não probabilístico, tendo sido por conveniência, pessoas que tivessem contato com as autoras, pelo fator pandemia e não termos tido a oportunidade de ir a campo buscar nossa amostra, o que diminuiu nossas possibilidades. Mesmo assim, na situação de coleta *online*, pouco acolhida, conseguimos um bom quantitativo de 191 pessoas, de diferentes Estados, idades, tipos de instituição e níveis de ensino.



Foram usadas as seguintes medidas de estatística: porcentagem para comparação de frequências, e na apresentação dos dados, utilizamos de tabela e gráficos, gerados com o auxílio do *software* PSPP.

REFERENCIAL TEÓRICO

A atuação psicopedagógica em contexto escolar se destaca por seu caráter preventivo, pois tem a finalidade de desenvolver competências para que o processo de ensino-aprendizagem seja efetivo, tendo como uma das suas formas ativas, o assessoramento psicopedagógico ao professor. Por meio de leituras sobre, entendemos cada vez mais o seu lugar dentro das escolas, tendo como base a ideia de Acampora, Acampora (2017) na qual a psicopedagogia institucional, atua junto à investigação e ao estudo de padrões de aprendizagem, compreendendo o aprendente, com seus fatores externos e internos, neurotípicos ou não.

Dessa forma, os educandos são vistos como sujeitos biopsicossociais, pois leva-se em consideração não apenas aqueles que possuem alguma dificuldade ou transtorno de aprendizagem, mas também aqueles considerados alunos "típicos". Logo, a cooperação entre o professor e o psicopedagogo visa otimizar a aprendizagem da turma como um todo, por meio de novas perspectivas e caminhos a serem trilhados, com base em teóricos de diversos campos, como do Behaviorismo, da Gestalt, do Humanismo, entre outros.

Diante disso, vê-se que “a proposta de psicopedagogia é a atuação pertinente aos problemas de aprendizagem e adaptação às formas de aprender para que se possam superar dificuldades e realizar conquistas que são individualmente valiosas” (ACAMPORA, ACAMPORA, 2017, p.15). Entende-se assim, que mesmo em um grande grupo formado pela turma, cada aprendente é único em suas especificidades e contexto histórico-cultural.

Temos então, a psicopedagogia institucional como uma ação preventiva, principalmente em tempos de ensino por meios digitais, pois é preciso uma boa equipe de apoio por trás dos professores para auxiliá-los a usar de técnicas com o que temos à disposição para conseguir fornecer a melhor experiência para ambos, potencializando habilidades tanto dos docentes quanto discentes.

O behaviorismo, nos leva a entender que a aprendizagem é uma mudança de comportamento, e pode ser construída de acordo com as atitudes dos que se propõe a ensinar algo. Portanto, a nova realidade educacional se configura como uma chance dos professores se adaptarem a novas metodologias, para usar no ensino remoto, aproveitando os novos



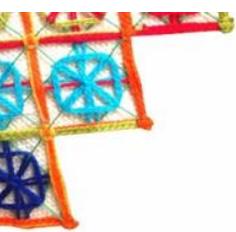
conhecimentos para alterar a prática na volta aos espaços físicos de aprendizagem. Compreende-se, a importância do psicopedagogo na atualidade para dar suporte aos docentes nesse momento de adaptação brusca, tanto para eles quanto para os discentes.

As propostas educacionais têm sido moldadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no que cerne ao auxílio pedagógico oferecido aos alunos, o que antes era feito apenas pessoalmente, por meio de diálogos durante as aulas ou mediante reuniões, agora pode ser mediatizado pela tecnologia. Contudo, a transição do ensino presencial para as aulas virtuais evidenciou o despreparo da comunidade escolar para lidar com essas novas tecnologias. Mediante isso, Ferreira (2019, p.5) esclarece que "as tecnologias, por si, não são responsáveis por transformações drásticas na sociedade. O uso que fazemos delas é que é capaz de provocar tais transformações."

Segundo Leite (20--?), para ocorrer o processo de aprendizagem, são necessárias três etapas, sendo elas: situação estimuladora, podendo ser exemplificada como a pandemia global, que instiga um olhar diferente sobre aprender e ensinar; pessoa que aprende, que se caracteriza como os alunos, os pais e os profissionais da educação, de todos os níveis, pois todos estão em processo de reinvenção; e resposta, sendo o novo comportamento adquirido frente aos estudos, que apontam para o não ir aos espaços físicos institucionais, o auxiliar mais de perto os filhos nesse processo e a adaptação em um novo espaço de aprendizagem, muitas vezes inadequados para um bom rendimento.

De acordo com Acampora, Acampora (2017), o papel do psicopedagogo institucional requer que junto aos professores e gestores, sejam realizadas reuniões para se pensar em estratégias de ensino que propiciem a estimulação da aprendizagem de forma efetiva nos discentes. Por isso, a participação do profissional de psicopedagogia dentro dessa equipe é indispensável para cooperar com a organização de atividades curriculares, visando um melhor desempenho do aluno.

Gardner (2020), nos apresenta a teoria das inteligências múltiplas, sendo elas: espacial, cinestésico corporal, musical, linguística, lógica matemática, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Soma-se oito inteligências distintas, que estão mais efetivamente presentes em espaços não formais, como as casas, ou até mesmo a rede de informática. Com a ajuda dos profissionais bem capacitados, essas competências podem ser exploradas para ajudar nas aulas durante pandemia, utilizando de técnicas antes deixadas de lado por comodidade ou falta de recursos na sala de aula, mas que podem existir em casa.



Ao tratar sobre o contexto atual que estamos vivendo, temos que discutir com nossos leitores sobre a questão do ensino remoto no Brasil, autorizado pelo MEC, e o ensino à distância (EaD), que já vinha sendo instalado em algumas universidades pelo país com uma proposta diferente das aulas presenciais.

O próprio MEC, por meio da portaria nº 345, de 19 de março de 2020, informou que:

Art. 1º Fica autorizada, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (MEC, 2020)

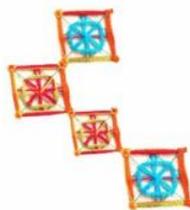
Logo, podemos ver claramente, que o MEC não autoriza o EaD, mas sim, a transferência das aulas presenciais para meios digitais, com plataformas que possibilitem as aulas síncronas remotamente. É nesse momento que entra o papel do psicopedagogo, propondo auxiliar os professores com técnicas de aprendizagem que vão favorecer os alunos, por meio de abordagens que utilizamos, pois sempre estamos nos reinventando e buscando formas criativas de se adaptar aos nossos aprendentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com 191 respostas, sendo 127 do sexo feminino e 64 do sexo masculino. A maioria dos participantes possuem menos de 20 anos, sendo eles 50,2%, seguidos por 37,1% daqueles que possuem de 20 a 25 anos de idade. Acerca da vivência em modalidades de ensino à distância, apenas 17 pessoas já estudaram EaD por escolha própria.

Em relação à unidade federativa dos participantes, 68,06% são da Paraíba, seguidos por 20,9 % de discentes de Pernambuco. Entretanto, o questionário alcançou pessoas de outros estados, como: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Acre, Ceará e outros.

No que se refere ao nível de formação, a maioria (68,59%) dos participantes está no ensino superior, sendo eles 131, subdivididos em 14 estudantes que já estão prestes a apresentar o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Outro grupo categorizado é o de discentes do ensino médio que representa um total de 24,6%, do qual 26 deles estão prestes a fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Obteve-se também 13 respostas de discentes de cursinhos pré-ENEM. Concernente ao tipo de instituição de ensino, houveram 99 (51,8%) respostas de



estudantes advindos de escolas, universidades e cursinhos pré-ENEM públicos e 92 (48,1%) de discentes de instituições particulares, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1: Tipo de instituição de ensino por nível de formação dos participantes

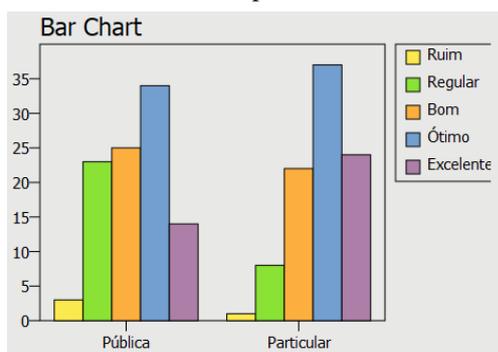
Tipo de Instituição * Nível de Formação [contagem, linha %, coluna %, total %]							
Tipo de Instituição	Nível de Formação						Total
	Esino Médio	Ensino Médio, prestes a fazer ENEM	Ensino Superior	Ensino Superior, prestes a apresentar TCC	Cursinho Pré-ENEM		
Pública	19,00	17,00	60,00	2,00	1,00	99,00	
	19,19%	17,17%	60,61%	2,02%	1,01%	100,00%	
	90,48%	65,38%	51,28%	14,29%	7,69%	51,83%	
	9,95%	8,90%	31,41%	1,05%	,52%	51,83%	
Particular	2,00	9,00	57,00	12,00	12,00	92,00	
	2,17%	9,78%	61,96%	13,04%	13,04%	100,00%	
	9,52%	34,62%	48,72%	85,71%	92,31%	48,17%	
	1,05%	4,71%	29,84%	6,28%	6,28%	48,17%	
Total	21,00	26,00	117,00	14,00	13,00	191,00	
	10,99%	13,61%	61,26%	7,33%	6,81%	100,00%	
	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	
	10,99%	13,61%	61,26%	7,33%	6,81%	100,00%	

Fonte: Software PSPP

Mediante um processo de transição de aulas presenciais para aulas remotas à distância, a comunidade estudantil, tanto docente quanto discente, foi surpreendida e precisou se adaptar rapidamente ao novo perfil de aula. E diante disso, percebeu-se a necessidade de questionar acerca da satisfação dos estudantes em relação às organizações de atividades curriculares.

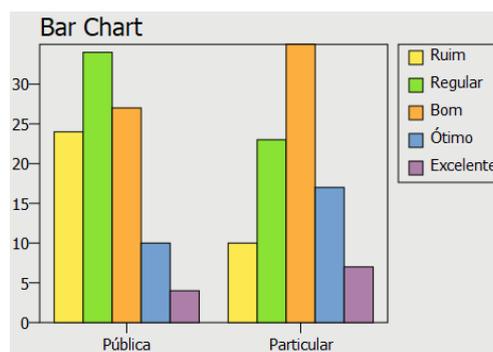
Referente ao ensino privado, os discentes indicam “ótimo” e “excelente” contentamento nas aulas presenciais, como se percebe na **Figura 2**, com percentual de respostas de 40,2% e 26,09%, respectivamente. Já quando a abordagem se refere na satisfação em relação à organização de atividades curriculares em meio às aulas remotas, as respostas do mesmo grupo de discentes apontam uma maior porcentagem em “bom”, com 38,04%, seguidos de 25% dos *feedbacks* para um nível de contentamento “regular”. Todavia, observa-se um acréscimo de 9,78% para o apontamento “ruim”, como mostra a **Figura 3**.

Figura 2: Nível de satisfação com a organização de atividades curriculares no ensino presencial.



Fonte: Software PSPP

Figura 3: Nível de satisfação com a organização de atividades curriculares no ensino remoto à distância.



Fonte: Software PSPP

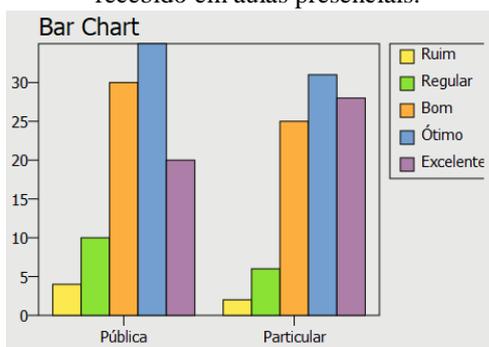


As **Figuras 2 e 3**, supracitadas também revelam que a amostragem de discentes de instituições públicas mostra uma queda maior, pois, no que concerne ao ensino presencial e sua organização curricular diante das atividades, as maiores percentagens de respostas foram para “ótimo” e para “bom”, com 34,3% e 25,2%, nessa ordem, para antes da transição. Enquanto que no período de aulas remotas, 34,3% caracterizou sua satisfação em “regular”, seguidos por 27,2% como “bom” contentamento. Todavia, houve um aumento de respostas indicando satisfação “ruim”, onde antes havia 3,03% nas aulas presenciais e posteriormente passou a ser 24,2%.

Outro apontamento presente no questionário foi acerca do auxílio pedagógico que era recebido pelos estudantes em ensino presencial antes do isolamento social, em detrimento do estabelecido durante período remoto de aulas. No tocante às aulas presenciais, o grupo de discentes da rede privada expôs maiores percentagens de respostas em “ótimo” e “excelente”, com 33,7% e 30,4%, respectivamente. Já no que cerne às aulas remotas, as respostas mostram índices mais altos em “bom” e “regular”, mostrando mais uma vez, uma queda de satisfação em relação ao período de aulas *online*, com dados de 28,2% e 26,09%, na devida ordem.

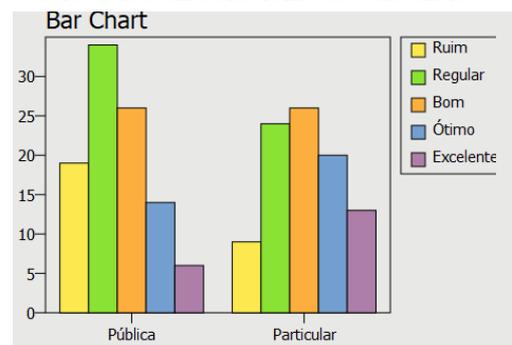
Em relação ao grupo da rede pública de ensino, também se percebe um declínio da porcentagem de respostas, demonstrando menor satisfação diante da assistência ofertada pelos docentes. Concernente ao período presencial antes do isolamento social, a **Figura 4** demonstra que os percentuais mais altos indicam 35,3% respostas para “ótimo” e 30,3% para “bom”. Entretanto, durante as aulas remotas as respostas apontam dados estatísticos que caracterizam um contentamento “bom” e “regular” em suas maiores, com percentagens de 34,3% e 26,2%, nessa ordem.

Figura 4: Nível de auxílio pedagógico recebido em aulas presenciais.



Fonte: Software PSPP

Figura 5: Nível de auxílio pedagógico recebido em aulas remotas à distância



Fonte: Software PSPP

Contudo, mais uma vez, observa-se um aumento nas respostas para “ruim”, como está exposto na **Figura 5**. Anterior ao isolamento social, apenas 4,04% categorizaram o auxílio dos



professores dessa forma. Mas em oposição a isso, no período de aulas remotas o percentual subiu para 19,1%.

Sabe-se que esse descontentamento se deve à situação emergencial da pandemia do COVID-19, que rompeu com todo o planejamento de atividades propostas pelos docentes. Contudo, visando amenizar os impactos negativos da paralisação de estudos nas escolas e universidades, a comunidade escolar e acadêmica buscou utilizar dos meios digitais para dar continuidade às aulas. Todavia, nem todos os professores ou gestores, nem os alunos estavam capacitados para isso.

No que cerne às organizações de atividades curriculares, as plataformas digitais possibilitam o protagonismo do aluno, por meio da articulação de habilidades intelectuais com o estudo e a pesquisa por meio das TIC's. Mas, esse não é o meio tradicionalmente utilizado. Portanto, a ausência de tempo para apropriação dessas novas metodologias ativas e estratégias, faz com que a aprendizagem não seja efetiva e cause descontentamento.

Outro fator evidenciado por meio do resultado da pesquisa é que, apesar dos meios de comunicação virtuais serem usados comumente entre as pessoas, eles não estão alcançando a mesma satisfação quando utilizadas para diálogos entre aluno-docente. Por mais que seja possível encontrar os professores em video conferência nas ministrações das aulas, isso não possibilita um completo auxílio pedagógico em que o professor consegue visualizar se ele está conseguindo sanar todas as dúvidas e/ou instigar os estudantes em relação ao conhecimento.

Portando, o profissional da psicopedagogia é capacitado para avaliar a demanda dos alunos e juntamente com o professor, buscar melhores estratégias no processo ensino-aprendizagem. O psicopedagogo está habilitado para assessorar o professor em visualizar quais são os reais empecilhos nesse processo de ensino-aprendizagem, para buscar meios de dribla-los e estimular o desenvolvimento dos alunos, visto que o objetivo real do professor não é transferir o que ele sabe para o aluno, mas instigar a busca pelo conhecimento.

Outro apontamento que o resultado da pesquisa expõe é que o descontentamento é maior entre estudantes de instituições públicas. Por mais que hajam políticas públicas referentes à qualidade da educação, o cenário brasileiro indica um sucateamento em relação à desvalorização da atuação docente, o baixo investimento em práticas escolares, dentre outros fatores. E mediante isso, o psicopedagogo se apresenta como um dos profissionais importantes nas escolas e universidades, como um agente educativo indispensável na promoção dos processos de mudança.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, deixamos a necessidade de outro ponto de vista para a educação brasileira. A psicopedagogia se faz sim necessária, desde antes da pandemia, sendo mais requisitada agora. A escola não se faz apenas com professores, mas com toda uma equipe multidisciplinar. Sabemos das dificuldades enfrentadas, e da falta de tempo aliada a baixos salários dos docentes, enxergando assim, uma parceria frutífera entre educadores e psicopedagogos.

Analisamos ainda a falta de estudos na área institucional psicopedagógica, o que mostra espaço para pesquisas e estudos na área, sendo interessante não focar nossa formação apenas para clínica, mas propor igual valor à nossa atuação nas escolas e outros espaços educacionais, sejam eles formais ou informais.

Faz-se necessário lembrar que as TIC's estão sempre se atualizando e que o cenário de impacto na educação não é apenas a atuação docente, mas todo um percurso (sistema) que há por trás. As tecnologias precisam ser efetivas na gestão escolar, na formação desses professores e nas metodologias atuais de ensino. Não se deve esquecer que o atual sistema de ensino presencial no Brasil ainda se configura como um grande desafio.

Portanto, não devemos fugir das modalidades virtuais devido a estabilidade que o ensino presencial nos proporciona, mas devemos ser instigados a avançar. Enquanto a proposta educacional for a ideia de transferência do conhecimento, as TIC's serão ferramentas de difícil uso. Mas, quando observado que a atuação do professor visa o protagonismo dos estudantes, as novas tecnologias se apontam como de grande alavanca para esse desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, B.; ACAMPORA, B. **Psicopedagogia institucional**: guia teórico e prático. Rio de Janeiro. Wak, 2017.

BAPTISTA, C. R. *et al.* **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.



BRASIL. Portaria nº345, de 19 de março de 2020. **Diário oficial da união**. Ministério da Educação, Brasília, 19 de março de 2020. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=603&pagina=1&data=19/03/2020&totalArquivos=1>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

BRASIL. Portaria nº544, de 16 de junho de 2020. **Diário oficial da união**. Ministério da Educação, Brasília, 17 de junho de 2020. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em: 18 jul. de 2020.

CASTRO, P. A.; ALVES, C. O. S. **Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas**. E-Mosaicos, v. 7, p. 3-25, 2019.

FERREIRA, L. A. A Modalidade EAD e a Formação de Professores. **Especialize**, Goiânia, v. 1 n. 17, p. 1-13, jul .2019. Disponível em: <<https://assets.ipog.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/07015621/luciete-araujo-ferreira-31011913.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2020.

GARDNER, H. **The components of MI. The Official Authoritative Site of Multiple Intelligences**. Disponível em: <<https://www.multipleintelligencesoasis.org/the-components-of-mi>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

LAKATOS, E. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa / pesquisa bibliográfica / teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

LEITE, V. **Psicologia da Educação**. vol 1. (20--?)Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/6361559/psicologia-da-educacao-vol-1-vice-leite>>. Acesso em: 16 jul. 2020.